

ANÁLISE DISCURSIVA DO TRABALHO FEMININO EM *PARQUE INDUSTRIAL*

Priscila Lopes VIANA
(Universidade Federal de Minas Gerais)
priscilaviana@live.com

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar os percursos semânticos intradiscursivos e as oposições interdiscursivas de alguns segmentos, que tematizam o trabalho feminino, do livro Parque Industrial, de Patrícia Galvão (1923/1994). Para isso, utilizaremos, sobretudo, o aparato teórico utilizado por Faria (1999; 2000; 2001a; 2001b; 2002; 2005) em suas análises dos discursos ficcionais. Vale ressaltar a relevância de estudos que procuram, por meio das contribuições da Análise do Discurso, compreender a linguagem ficcional, uma vez que sendo esta linguagem constitutiva da linguagem humana, ela se torna um instrumento revelador das atividades de linguagem verbal e não-verbal humanas.

PALAVRAS-CHAVE: Parque Industrial; discurso; linguagem; trabalhadora.

ABSTRACT: This article aims to analyze the intradiscursive semantic pathways and interdiscursive oppositions of some segments that bring the work of women as theme, in the book Parque Industrial (Industrial Park) of Patrícia Galvão (1923/1994). For this purpose, we utilize especially the theoretical apparatus used by Faria (1999, 2000, 2001a; 2001b, 2002, 2005) in his analysis of fictional discourse. It is worth emphasizing the relevance of studies that try to understand, through the contributions of discourse analysis, the fictional language, since this language is constitutive of human language it becomes a tool revealing the activities of verbal and non-verbal language of human being.

KEYWORDS: Industrial Park; discourse, language, worker.

0. Introdução

Neste trabalho, pretendemos analisar os discursos presentes em alguns segmentos do livro *Parque Industrial* (1923/1994) de Patrícia Galvão, concebendo *discurso* como o conceitua Fiorin (1989: 32): “um conjunto de *temas* e *figuras* que materializa uma dada visão de mundo”. Nosso objetivo é, portanto, situar as trabalhadoras como personagens relacionadas aos percursos semânticos intradiscursivos e às oposições interdiscursivas.

Estudos realizados por Faria (1999; 2000; 2001a; 2001b; 2002; 2005) têm demonstrado relevantes contribuições da Análise do Discurso também para a compreensão da linguagem ficcional que, por sua vez, sendo constitutiva da linguagem humana, torna-se um instrumento revelador das atividades de linguagens verbais e não-verbais humanas.

A metodologia utilizada por Faria (op.cit.) - que se vale de aparatos teóricos de Maingueneau (1984), Fiorin (1989), entre outros - inclui as seguintes categorias analíticas, com as quais também pretendemos realizar as análises de alguns segmentos do livro *Parque Industrial*:

1. do *intradiscurso*, isto é, dos textos que materializam o discurso, identificam-se os percursos semânticos que englobam dois elementos semânticos: o percurso temático e o figurativo – o primeiro mais abstrato e o segundo mais concreto e
2. do *interdiscurso*, a categoria de oposição.

Dessa forma, os passos metodológicos para a análise de alguns segmentos do livro *Parque industrial* concebidos como discursos serão, primeiramente, a identificação dos percursos semânticos do intradiscurso; a seguir, a identificação dos traços distintivos subjacentes aos percursos semânticos intradiscursivos; posteriormente, a identificação das correspondentes oposições constitutivas do interdiscurso através dos já identificados traços distintivos subjacentes aos percursos semânticos do intradiscurso; e, por último, o estabelecimento das relações entre os percursos semânticos intradiscursivos e as oposições interdiscursivas.

Acreditamos que o referencial teórico citado servirá de instrumento que compreenderá alguns aspectos discursivos dos segmentos selecionados de *Parque Industrial*, o que nos possibilitará caracterizar sócio-historicamente os temas abordados, na complexidade das relações discursivas.

1. Noções teóricas

De acordo com Faria (2005), há um aspecto referente à visão de mundo defendido por um discurso que pode ser descrito a partir dos *percursos semânticos* intradiscursivamente identificados nos textos que materializam o discurso. Noções greimasianas de *percurso temático* e *percurso figurativo* são englobadas na noção de percurso semântico utilizada pelo autor (Faria, 2005) por serem, nas estruturas narrativas, revestimentos mais abstratos ou mais concretos, respectivamente.

Assim, a manifestação isotópica mais disseminada de um tema é o percurso temático (Greimas & Courtés, s/d); enquanto que o encadeamento isotópico de figuras relativas a um tema dado é o percurso figurativo (Greimas & Courtés, s/d).

Fiorin (1989), por sua vez, conceitua *tema* como o elemento semântico designador de um elemento abstrato que exerce, no entanto, o papel de categoria ordenadora dos fatos observáveis. E a *figura* é, por sua vez, conceituada como um elemento semântico que se refere a um elemento concreto, como mesa, casa, flor etc.

Outro aspecto considerado por Faria (2005) na descrição do intradiscurso refere-se aos traços distintivos subjacentes aos percursos semânticos. Para o autor, o traço distintivo é o mais abstrato aspecto de sentido subjacente a um percurso semântico capaz de opô-lo a outro percurso semântico, de outro discurso. Ele exemplifica, com as análises dos livros *Germinal* e *Morro Velho*, em que há o traço distintivo /determinação/, elemento mais abstrato a expressar a tese postulada pelo discurso naturalista, que subjaz ao percurso semântico da natureza, do discurso realista naturalista.

O interdiscurso, por sua vez, é concebido por Faria (2005) como o é para Maingueneau (1984), que o toma em três instâncias. A primeira é o *universo discursivo*, que é o vasto conjunto de todos os discursos que interagem em uma dada conjuntura. No caso de *Parque Industrial*, assim como no de *Germinal* e *Morro Velho*, podemos citar o conjunto que abrange a totalidade dos discursos que têm os trabalhadores como personagens.

A segunda é o *campo discursivo*, que é o campo recortado pelo analista do discurso, dentro do universo discursivo, para fins de estudo. Como no caso dos romances analisados por Faria (2005), *Parque Industrial* situa-se na interface de dois campos discursivos: no plano da enunciação, o literário, e, no plano do enunciado, o sociopolítico.

A terceira instância, segundo Maingueneau (1984), é o *espaço discursivo*. Os espaços discursivos estão dentro de cada campo discursivo e é justamente neles que os discursos estabelecem relações de oposição ou de aliança. Do mesmo modo como ocorre em *Germinal* e *Morro Velho*, *Parque Industrial* se situa em um espaço discursivo no qual os discursos a favor do proletariado opõem-se aos discursos a favor da burguesia.

Assim, o intradiscurso e o interdiscurso são duas dimensões diferentes, mas interdependentes, abrangidas pelo discurso. Sendo que a primeira dimensão é organizada a partir de percursos semânticos e a segunda é constituída a partir de oposições estabelecidas com outros discursos.

2. As análises

Como afirmamos anteriormente, focalizaremos, em nossas análises, trechos de *Parque Industrial* que exponham, explícita ou implicitamente, os trabalhos realizados pelas mulheres brasileiras do

início do século XX. A princípio, vale fazermos algumas considerações sobre o próprio nome da obra. No primeiro parágrafo de *Parque Industrial*, o narrador já explica que “São Paulo é o maior parque industrial da América do Sul” (Galvão, 1994: 17). Assim, a narrativa se passa na cidade de São Paulo e o nome da obra evidencia, de certo modo, o percurso semântico do trabalho.

O primeiro setor do parque industrial a ser abordado na novela é o de teares. O narrador afirma que “Os chinelos de cor se arrastam sonolentos ainda e sem pressa na segunda-feira. Com vontade de ficar para trás. Aproveitando o último restinho de liberdade” (Galvão, 1994: 17). Nesse segmento, observamos que há uma personificação dos “chinelos de cor” que representam as trabalhadoras tecelãs (personagens implícitas). São eles que “se arrastam sonolentos” e têm “vontade” de aproveitar o “restinho de liberdade”. Através dessa figura de linguagem, percebe-se, implicitamente, a situação econômica dessas trabalhadoras, que não possuem calçados adequados para irem ao trabalho, bem como sua condição escrava nos teares, em oposição ao “restinho de liberdade” do fim de semana.

Tanto a falta de calçados adequados quanto a falta de liberdade das trabalhadoras são ressaltadas nos trechos seguintes (Galvão, 1994:18): “Uma chinelinha vermelha é largada sem contraforte na sarjeta. Um pé descalço se fere nos cacos de uma garrafa de leite. Uma garota parda vai pulando e chorando alcançar a porta negra” e “Na grande penitenciária social os teares se elevam e marcham esgoelando”. Os termos “chinelos”, “chinelinha”, “restinho de liberdade” e “penitenciária social” deixam implícitos os temas da pobreza e da exploração das trabalhadoras, ao mesmo tempo em que constroem uma oposição interdiscursiva entre “liberdade” e “prisão”.

A seguir, o episódio da tecelã Bruna (Galvão, 1994: 19), que está sonolenta por ter ido a um baile no dia anterior (domingo), aborda explicitamente o tema das diferenças de classes. Como exemplos, podemos citar as palavras da Bruna, que afirma: “- Puxa! Que este domingo não durou... Os ricos podem dormir à vontade”, bem como as palavras do narrador que ironiza as falas dos “poetas lacaios” nos ricos salões enquanto as trabalhadoras dos teares são humilhadas “todos os dias, todas as semanas, todos os anos”. Tais poetas, segundo o narrador, afirmam: “- Como é lindo o teu tear!”. Percebemos, portanto, a oposição interdiscursiva entre “ricos” e “pobres”.

Por sua vez, o segmento “Nas latrinas sujas as meninas passam o mínimo de alegria roubada ao trabalho escravo” (Galvão, 1994: 20), explicita o tema da “exploração do trabalho” que havia sido colocado, outrora, implicitamente.

Na página 21 da novela, aparece uma personagem importante – a Rosinha. Como a novela não se pauta por uma linearidade, o leitor vai

compreender esta personagem após meados da obra. Trata-se de uma revolucionária. A fala dessa personagem mostra explicitamente as temáticas da “exploração capitalista” e da “revolução social”: “- O dono da fábrica rouba de cada operário o maior pedaço do dia de trabalho. É assim que enriquece às nossas custas! (...) Mas, felizmente, existe um partido, o partido dos trabalhadores, que é quem dirige a luta para fazer a revolução social. (...) O partido comunista” (Galvão, 1994: 21). Essas temáticas iniciam um importante percurso semântico na obra: o da luta operária.

A segunda seção do livro, denominada “Trabalhadoras de agulha”, apresenta “seis costureirinhas” (personagens explícitas), que, em um primeiro momento, são apresentadas como “as doze mãos” (Galvão, 1994: 24-5). Há, portanto, o uso de uma figura de linguagem – a metonímia – que faz referência implícita às seis trabalhadoras por meio da identificação de suas partes, ou seja, de suas mãos.

“Madame” é o modo como as seis costureiras se dirigem à costureira que, provavelmente, é a proprietária do ateliê. No segmento exposto a seguir, pode-se observar a analogia irônica do narrador da novela que compara os olhos roxos das costureirinhas (devido ao trabalho noturno: tematizando implicitamente a exploração) com os olhos roxos de rímel da Madame (tematizando implicitamente a vida confortável da burguesia): “Madame, enrijecida de elásticos e borrada de rímel, fuma no âmbar da piteira o cigarro displicente. Os olhos roxos das trabalhadoras são como os seus. Tingidos de roxo, mas pelo trabalho noturno” (Galvão, 1994: 24). Nesse segmento, percebemos a oposição interdiscursiva entre “proletários” *versus* “burgueses”.

A narrativa prossegue e passa a tematizar explicitamente a exploração das trabalhadoras e as diferenças de classes. A presença de uma cliente no ateliê faz com que Madame exija trabalho extra das proletárias. Uma das costureiras, identificada como “uma menina pálida” (Galvão, 1994: 25), diz que a mãe está doente e, por isso, não poderá ficar à noite. Madame, sem compaixão, afirma que demitirá quem não ficar.

Ainda na segunda seção da obra, vale ressaltar a breve citação de mais duas categorias de trabalhadoras que abarrotam os bondes em direção aos “seus cortiços na imensa cidade proletária, o Brás” (Galvão, 1994: 26). São elas as “empregadinhas dos magazines” e as “telefonistas”.

Na terceira seção do livro, intitulada “Em um setor da luta de classes”, há a voz de uma trabalhadora (personagem explícita), que manifesta contra as condições que lhe são dadas: “Minha mãe está morrendo! Ganho cinquenta mil réis por mês. O senhorio me tirou tudo na saída da oficina. Não tenho dinheiro para remédio. Nem para comer” (Galvão, 1994: 31). A voz do narrador intensifica o tema da

desigualdade social: “Na cidade, os teatros estão cheios. Os palacetes gastam nas mesas fartas. As operárias trabalham cinco anos para ganhar o preço de um vestido burguês. Precisam trabalhar a vida toda para comprar um berço” (Galvão, 1994: 31). Dessa forma, esses segmentos abordam, intradiscursivamente, o tema da miséria nas figuras da falta de dinheiro, de remédio e de alimento. Já no nível do interdiscurso, opõe-se a fartura da burguesia à miséria do proletariado.

Já na quarta seção da novela, denominada “Instrução pública”, é relevante ressaltar a presença de uma nova categoria de trabalhadoras apresentada na obra: as professoras. Percebe-se que se trata de uma profissão para as filhas da pequena burguesia. Segundo o narrador, esses pequenos burgueses, por sua vez, esforçavam-se para tornar as filhas professoras: “Os pais querem que as filhas sejam professoras, mesmo que isso custe comer feijão, banana e broa todo dia” (Galvão, 1994: 32). Na casa de uma das normalistas – Eleonora -, há a presença de uma trabalhadora que não devemos deixar de citar: a empregada doméstica. “Uma preta ajuda o serviço da casa” (Galvão, 1994: 36). Percebemos, assim, que as figuras “professora”, “pequena burguesia” (e, implicitamente, “alta burguesia”) e “preta” empregada doméstica constroem, intradiscursivamente, o tema da segmentação de classes. Ao mesmo tempo, há a construção interdiscursiva da oposição de classes.

A quinta seção, intitulada “Ópio de cor”, denuncia as intenções dos rapazes burgueses com as moças operárias no carnaval do Brás. O tema principal é, portanto, a exploração sexual. Este segmento pode ilustrar essa temática:

Todas as meninas bonitas estão sendo bolinadas. Os irmãozinhos seguram as velas em troca de balas. A burguesia procura no Brás carne fresca e nova.

- Que pedaço de italianinha!
- Só figura. Vá falar com ela. Uma analfabeta.
- Pra uma noite ninguém precisa saber ler. (Galvão, 1994: 40).

Podem-se observar, também nesse segmento, os temas da pobreza e do analfabetismo. Todavia, compreendemos que o foco central dessa seção é a personagem Corina. Caracterizada na segunda seção como “a mulata do ateliê” que “Pensa no amor da baratinha que vai passar para encontrá-la de novo à hora da saída” (Galvão, 1994: 25), na quinta seção ela aparece grávida de um burguês. Nessas condições, é despedida por Madame do ateliê. Deixa, portanto, de ser costureira e se torna prostituta. Pensamos que, em alguma medida, o título da quinta seção pode estar fazendo referência implícita à personagem da Corina. O “ópio” (substância que se extrai de frutos imaturos de papoulas) pode estar representando a dignidade e a pureza

da jovem e imatura mulata (e, por isso, ópio "de cor") que foram extraídas pelo burguês.

Na seção intitulada "Onde se gasta a mais-valia", o tema explícito é a vida luxuosa e promíscua da classe burguesa, que tudo compra à custa do proletariado. Implicitamente, temos o tema da prostituição da "criadinha chinesa" que "recebe friamente os beijos do patrão" e "Levará uma nota nova para o china paralítico e gordo da rua Conde Sarzedas" (Galvão, 1994: 51).

As duas próximas seções, intituladas "Mulher da vida" e "Casas de parir" retomam a personagem Corina. A sujeira, a pobreza e as doenças são temas explícitos nas duas seções. Podemos exemplificar com três passagens: em primeiro lugar, há as palavras de um cliente da "rua das mulheres alegres" que afirma: "- Eu prefiro a corcunda porque ninguém quer. Essa ao menos é limpa!" (Galvão, 1994: 53). Em segundo lugar, há a Corina que trabalha "fatigada" já com "o corpo deformado pela gravidez adiantada", visando ter "dinheiro para o berço do filhinho" (Galvão, 1994: 54). E, em terceiro lugar, pode-se observar um diálogo, no qual uma prostituta reclama: "- Se eu pudesse sair dessa vida!" e outra responde: "- Trouxa! As ricas são piores do que nós! Não escondemos. E é por necessidade" (Galvão, 1994: 55). Percebe-se que, também nessa seção, há uma denúncia explícita da promiscuidade burguesa em contraposição à necessidade das mulheres, que, como Corina, outrora foram proletárias, de vender o seu corpo e adoecer por alguns trocados.

No momento do parto, o sofrimento de Corina é tematizado explicitamente. Os temas da sujeira e das doenças continuam presentes, como se pode verificar no trecho a seguir:

Lá no fundo das pernas um buraco enorme se avoluma descomunamente. Se rasga, negro. Aumenta. Como uma goela. Para vomitar, de repente, uma coisa viva, vermelha.

A enfermeira recua. A parteira recua. O médico permanece. Um levantamento de sobancelhas denuncia a surpresa. Examina a massa ensanguentada que grita sujando a colcha. Dois braços magros reclamam a criança.

- Não deixe ver!

- É um monstro. Sem pele. E está vivo!

- Esta mulher está podre... (Galvão, 1994: 57-8).

Essa cena grotesca de um bebê que é chamado de "monstro" por ter nascido sem pele, remete-nos à doença sífilis. Trata-se de uma doença sexualmente transmissível, mas que, dependendo de sua fase evolutiva, pode afetar à prole. No caso do filho da Corina (prostituta), essa doença fica implicitamente marcada nas lesões no órgão responsável pelo revestimento humano: a pele. É interessante notar

que, na seção intitulada “Ópio de cor”, Corina lamenta a cor de sua pele:

Por que nascera mulata? É tão bonita! Quando se pinta, então! O diabo é a cor! Por que essa diferença das outras? O filho era dele também. E se saísse assim, com a sua cor de rosa seca! Por que os pretos têm filhos? (Galvão, 1994: 44).

Há certa ironia no segmento exposto acima, no qual Corina não quer ter um filho com a pele negra, demonstrando seu preconceito com sua própria etnia, em relação ao nascimento de um bebê sem pele. Dessa forma, o nascimento de um “monstro” sem pele aborda implicitamente a temática do preconceito étnico.

Na seção “Paredes isolantes”, novas figuras femininas aparecem em um bar. “São as emancipadas, as intelectuais e as feministas que a burguesia de São Paulo produz” (Galvão, 1994: 68). Outra personagem feminina surge no bar, identificada como “matrona de gravata e grandes miçangas”, e afirma: “O recenseamento está pronto. Temos um grande número de mulheres que trabalha. Os pais já deixam as filhas serem professoras. E trabalhar nas secretarias” (Galvão, 1994: 68). Esses trechos da novela explicitam os temas do trabalho feminino e da emancipação das mulheres. Sobretudo, a emancipação de mulheres da classe média, que passam a ter a opção de trabalhar ao invés de apostar seu futuro em um casamento.

Por sua vez, a seção intitulada “Habitação coletiva” expõe outras trabalhadoras: as lavadeiras.

Os tanques comuns do cortiço estão cheios de roupas e de espuma. No capim, meia dúzia de calças de homem e algumas camisolas rasgadas. Mãos esfoladas se esfolam. Crianças ranhudas, de um loiro queimado, puxam as saias molhadas. (Galvão, 1994: 71).

Ainda nessa seção, há a introdução de mais algumas personagens explícitas. Dona Catita é uma prostituta que tem uma criadinha surda, a Iaiá, que lava “os lençóis manchados da casa 12” (Galvão, 1994: 73). Explicitamente, a mãe de Ambrozinha afirma que a filha é “datilógrafa dum doutor”, mas a vizinhança deixa implícita a prostituição da moça: “- Aposto que já é... / - O Miguel viu ela entrar numa casa feia... / Eu tenho pena da mãe! / - Coitada o quê? Pensa que ela não sabe?” (Galvão, 1994: 75).

Na seção “Brás no mundo”, relata-se a história da personagem Rosinha. Interessa-nos ressaltar que, quando criança, a Rosinha, que “viera da Lituânia com os pais miseráveis” foi escravizada em um cafezal e apanhava juntamente aos seus pais. “Tinham sido

endereçados como escravos para a fazenda feudal que os escravizara aos pés de café. Até a criança apanhava” (Galvão, 1994: 80). Esse trecho é relevante na medida em que denuncia a escravidão de pessoas em uma sociedade não mais escravista. O trabalho escravo de imigrantes e de crianças, isto é, a exploração de trabalhadores é, portanto, um tema explícito desse segmento. Assim, aos doze anos, Rosinha inicia o trabalho na fábrica de tecidos. Revoltada por todos os problemas que passara, entra para o sindicato, adere à luta de classes e se torna uma revolucionária.

A seção “Em que se fala de Rosa de Luxemburgo” apresenta uma trabalhadora que não havia sido mencionada anteriormente: uma cozinheira. O segmento no qual essa trabalhadora aparece, exposto a seguir, tematiza o rapto de crianças pela classe burguesa.

Carlos Marx e Frederico Engels entram correndo para contar que roubaram o filho da cozinheira ali do vizinho. A mãe estava no trabalho. ficara tomando conta do pequenito a maiorzinha de seis anos.

- Uma burguesa bem vestida achou ele bonito no colo da irmã. Desceu do automóvel e levou ele... Ontem de tarde (Galvão, 1994: 88-9).

Na antepenúltima parte do livro, denominada “Proletarização”, é iniciada por uma carta da personagem Matilde (tecelã). Transcrevemos um segmento a seguir.

Tenho que te dar uma noticiuzinha má. Como você me ensinou, para o materialista tudo está certo. Acabaram de me despedir da fábrica, sem uma explicação nem motivo. Porque me recusei a ir ao quarto do chefe. Como sinto, companheira, mais do que nunca, a luta de classes. Como estou revoltada e feliz por ter consciência! Quando o gerente me pôs na rua senti todo o alcance da minha definitiva proletarização, tantas vezes adiada!

É uma coisa fatal. É impossível que os proletários não se revoltem. Agora eu senti toda a injustiça, toda a iniquidade, toda a infâmia do regime capitalista. Só tenho uma coisa a fazer. Lutar encarniçadamente contra esses patifes da burguesia. Lutar ao lado dos meus camaradas de escravidão. (Galvão, 1994: 91).

Além dos temas explícitos do sistema capitalista, do materialismo burguês, exploração burguesa, da luta de classes, da consciência e revolta proletária, implicitamente esse segmento explora os resquícios de um país escravocrata, no qual os senhores de escravos possuíam direitos sexuais sobre as suas escravas. Assim, não bastou à personagem Matilde ser uma tecelã competente, ela deveria também frequentar o quarto de seu patrão.

O tema da revolta proletária contra a exploração burguesa, ou seja, o percurso semântico da luta operária, é mantido nessa seção através da figura de outras trabalhadoras. Os dois segmentos a seguir explicitam a exploração e insatisfação de criadas domésticas e garçonetes: (1) “a criadagem humilhada, de touquinha e avental, conspira nas cozinhas e nos quintais dos palacetes. A massa explorada cansou e quer um mundo melhor!” (Galvão, 1994: 92) e (2) “A outra garçoneite, pequena e ruiva, passa carregando na espinha a cruz do avental” (Galvão, 1994: 95).

Por fim, a última seção da novela, intitulada “Reserva industrial”, aborda novamente as três categorias de trabalhadoras: costureira, lavadeira e prostituta. Vale salientar, sobre a profissional do sexo, que, no início da seção, o narrador cita algumas palavras de Marx, que afirma: “Sem falar dos vagabundos, dos criminosos e das prostitutas, isto é, do verdadeiro proletariado miserando” (Galvão, 1994: 100). Embora, nesse momento, as prostitutas sejam tratadas como proletárias, na próxima página, relata-se da seguinte maneira sobre a personagem Corina (costureira que virou prostituta):

Nunca mais trabalhara. Quando tem fome abre as pernas para os machos. Saira da cadeia. Quisera fazer nova vida. Procurara um emprego de criada no *Diário Popular*. Está pronta para fazer qualquer serviço por qualquer preço. Fora sempre repelida. Entregara-se de novo à prostituição. (Galvão, 1994: 101).

Desse modo, a contradição entre prostitutas serem proletárias “miserando” e a afirmação de que a personagem prostituta Corina “Nunca mais trabalhara”, faz-nos refletir sobre os valores que o vocábulo “trabalho” traz consigo de ser algo que dignifica o ser humano, o que se contrapõe aos valores sociais de que o trabalho da prostituta é degradante e desmoralizante.

3. Considerações finais

Neste artigo, verificamos que os principais percursos semânticos de *Parque Industrial* são: o do trabalho e o da luta operária. A pobreza, a fome, a humilhação e o sofrimento das trabalhadoras são temas que perpassam por toda a obra, bem como os temas das diferenças de classes e dos abusos burgueses para com as proletárias.

Pensamos que os posicionamentos enunciativos presentes nos discursos do narrador das histórias se constroem para que o enunciatário construa sentidos em favor das trabalhadoras e contra a burguesia. Percebemos em muitos dos segmentos citados durante esta análise um tom de denúncia contra o sistema capitalista, a burguesia e

a situação deplorável de muitas trabalhadoras que são, em sua maioria, também exploradas sexualmente.

Sendo assim, explícita e implicitamente os temas são abordados nessa novela podendo levar o enunciatário a refletir sobre o sofrimento e a pobreza das mulheres trabalhadoras do início do século XX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FARIA, A. A. M. *Sobre Germinal: interdiscurso, intradiscurso e leitura*. São Paulo: USP (tese de doutorado em Linguística), 1999.
- _____. Metáfora, metonímia e contrato discursivo em *Germinal*, de Zola. In: H. MARI (org.) *Categorias e práticas em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2000.
- _____. Interdiscurso, intradiscurso e leitura: o caso de *Germinal*. In: H. MARI (org.) *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2001a.
- _____. Interdiscurso e intradiscurso: da teoria à metodologia. In: E. A. M. MENDES, P. M. OLIVEIRA & V. BENN-IBLER (org.) *O novo milênio: interfaces linguísticas e literárias*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2001b.
- _____. Sobre a gênese de *Germinal* (Zola): aspectos interdiscursivos e intradiscursivos. In: I. L. MACHADO, H. MARI & R. de MELLO (org.) *Ensaaios em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2002.
- _____. Aspectos linguísticos de discursos ficcionais sobre trabalhadores: os casos de *Germinal* e *Morro Velho*. In: R. de MELLO (org.) *Análise do discurso e Literatura*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2005.
- FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Ática, 1989.
- GALVÃO, Patrícia. *Parque Industrial*. 3ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto; São Carlos, SP: EDUFSCAR, 1994 [1923].
- GREIMAS, A. J. & J. COURTÉS. *Dicionário de semiótica* (ed. or. 1979), trad. A. D. Lima *et alii*. São Paulo: Cultrix, s/d.
- MAINGUENEAU, D. *Genèses du discours*. Bruxelles: Pierre Mardaga, 1984.